

JESUS E A “ESTRANGEIRA” EM MC 7,24-30

*José Cleiton Barbosa**

Resumo

O Senhor, como é chamado pela siro-fenícia, é apresentado na pericope de Mc 7,24-30 como o verdadeiro estrangeiro e até mesmo dependente da acolhida de outrem. Dentre os lugares em que Jesus esteve na sua vida pública, atuando contra as forças do mal, destaca-se a sua passagem por terras não destinadas a serem espaços de acolhida do Messias. Num texto relativamente simples, com atuação de poucos personagens, desenvolve-se o diálogo libertador e esclarecedor, capaz de fazer transparecer a abertura total da mensagem de Deus, geradora de vida, para a acolhida daqueles que são seus destinatários. Porém, esta universalidade, característica da mensagem, esbarra por vezes nos limites humanos, de modo particular nos seus anunciadores, e torna-se fonte de opressão e exclusão do diferente. Aqui, o diálogo é fator determinante para que os anunciadores da mensagem abram-se à novidade da acolhida do outro a fim de não trair a vocação primeira da Palavra Divina, a geração do Bem, do Reino de Deus, e não do mal do “antirreino”.

Palavras-chave: *Jesus. Estrangeiro. Mal. Reino de Deus. Acolhida. Diálogo.*

Abstract

The Lord, as he is called by the syro-phoenician, is presented in the pericope of Mk 7:24-30 as the true stranger and even dependent upon the welcome of another. Among the places where Jesus was in his public life, acting against the forces of evil, stands out his passage through lands not intended to be spaces for the reception of the Messiah. In a relatively simple text, with the participation of a few characters, a liberating and enlightening dialogue is developed capable of showing the full opening of the message of God, which generates life, for the reception of those who

* José Cleiton Barbosa. Bacharel em Filosofia e em Teologia pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco.

are its recipients. However, this universality, characteristic of the message, sometimes runs up against human limits, particularly in its announcers, and becomes a source of oppression and exclusion of the different. Here dialogue is a determining factor so that the announcers of the message open themselves to the novelty of welcoming the other in order not to betray the first vocation of the Divine Word, the generation of the Good, of the Kingdom of God, and not of the evil of the “anti-kingdom”.

Keywords: *Jesus. Alien. Evil. Kingdom of God. Welcome. Dialogue.*

Introdução

O Evangelho segundo Marcos (7,24–10,52) apresenta Jesus atuando num contexto cultural, alheio aquele normalmente considerado o espaço privilegiado para a atuação do Messias, o mundo de cultura judaica. Jesus sai da comodidade de sua cultura e se aventura em terras estrangeiras. Aqui, o trecho de Mc 7,24-30 é feliz em apresentar um claro choque cultural entre os diferentes que, numa cena onde, aparentemente, reina a exclusão e marginalização, deixam-se tocar pela novidade do Reino.

Naquilo que toca ao texto do diálogo com a siro-fenícia é comum ouvir que Jesus encontrou-se com uma estrangeira. Porém, aqui, incorre-se num erro grave ao afirmar tal assertiva. Na medida em que se lê atentamente a perícope, percebe-se que Jesus é que é o verdadeiro estrangeiro.

Sair da Galileia e ir em direção ao desconhecido, ao outro e estabelecer um diálogo é muito mais profundo do que realizar uma cura, como acontece a partir do pedido daquela que se encontrou com Jesus. A cura, tão destacada em diversas abordagens, aqui é apenas vista como resultado de algo muito mais profundo. Jesus, que representa toda uma cultura, abre-se para o desafio do diálogo que gera a vida de Deus. A siro-fenícia, certamente já conhecedora da fama do Senhor, não silencia e roga a Jesus, recolhendo em si o grito de quem já não tem mais força para suplicar. É fascinante a superação das barreiras criadas e impostas por culturas distintas, mas que se abrem à gratuidade do Reino para a superação do mal da indiferença que gera morte.

Para chegar a esta reflexão, justificando o deslocamento do discurso acerca da cura da filha da siro-fenícia para uma abordagem mais holística do quadro evangélico, primeiramente segue-se um olhar sobre o texto em seu contexto. Em seguida uma abordagem hermenêutica e teológica lança o olhar sobre a profundidade e valor do diálogo entre as personagens na dinâmica da mútua acolhida. Seguindo uma visão mais pastoral, a partir das consequências apresentadas aponta-se o diálogo como a grande esperança de integração entre mensagem libertadora e destinatário universal. Aqui já não cabe a dinâmica da exclusão que gera morte, mas somente a inclusão, protagonizada pelo diálogo, que gera a vida.

1. A perícope de Mc 7,24-30 no contexto literário

O texto de Mc 7,24-30 apresenta uma face da realidade sociocultural e religiosa que influenciou a escrituração do evangelho elaborado no contexto dos primeiros contatos das comunidades cristãs nascentes com os diversos povos, culturas, línguas e crenças.

Esta perícope encontra-se, praticamente, na metade do evangelho de 16 capítulos, e dentro de um conjunto de textos que compõem as viagens de Jesus fora da Galileia (Mc 7,24–10,52), antecedendo o ministério de Jesus em Jerusalém (Mc 11,1–13,37) e a paixão e ressurreição de Jesus (Mc 14,1–16,20). A estes conjuntos temáticos antecedem a preparação do ministério de Jesus (Mc 1,1-13) e o ministério de Jesus na Galileia (Mc 1,14–7,23).

Especificamente Mc 7 é reservado a apresentar o conflito de ideias entre Jesus, o grupo que defende uma forma de prática das tradições farisaicas, e a temática da gratuidade do dom da graça de Deus. Ao comentar Mc 7,1-13, Rinaldo Fabris afirma que “trata-se de apresentar a nova compreensão da vontade de Deus e o sentimento de valor das normas rituais para abrir o caminho de salvação a todos sem barreiras nem privilégios de casta”¹. A composição deste capítulo, no qual está inserida a perícope em estudo, apresenta o contexto de mudanças radicais nas formas de vivência da fé de um povo que aderiu à pregação de Jesus e que começa a se organizar em comunidade. O nazareno aqui é modelo de superação dos condicionamentos impostos por práticas vazias de disposições antigas que em nada auxiliava na promoção da mensagem do Reino.

Em Mc 7 a discussão a respeito das abluções dos fariseus é seguida de uma declaração fundamental a respeito dos mandamentos da purificação do AT. Seu centro é formado pelo dito de Mc 7,15, que afirma em paralelismo antitético: “Nada do que vem de fora e entra no homem pode contaminá-lo, mas o que sai do homem é o que contamina o homem”. Esta afirmação é comentada a seguir em um diálogo com os discípulos: Nos v. 18-19 temos a primeira linha negativa e, no v. 21-22, a segunda, que é positiva. Essa explicação um tanto maciça é doutrina da comunidade. Mas o próprio dito sem dúvida é autêntico, pois rejeita o que era válido em todo o ambiente de Jesus; por muito tempo, foi mantido na comunidade pós-pascal como o demonstra o incidente em Antioquia (Gl 2,11-14). A sentença rejeita todas as disposições do AT a respeito da purificação levítica. Com essa rejeição cai também por terra, indiretamente, a diferenciação que se fazia, em todo o mundo antigo, entre sacro e profano².

1. FABRIS, R; BARBAGLIO, G. *Os Evangelhos*, I. Tradução de Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014, p. 496.

2. GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Martin Dreher e Ilson Kayser. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003, p. 121.

Agora, especificamente Mc 7,24-30 situa Jesus no território de Tiro, no interior de uma casa (v. 24). Mesmo não querendo ser descoberto por alguém, Jesus foi surpreendido por uma mulher, de cultura grega, que o abordou no lugar onde Ele se encontrava. Além desta mulher, siro-fenícia, e de Jesus, também é mencionada a filha desta mulher que se encontra com um espírito impuro (v. 25). O diálogo (v. 26-29) é acalorado com uma aparente indiferença de Jesus pelo fato de a mulher não ser judia e lhe pedir uma cura (o pão v. 27). À consideração e comparação feita por Jesus (filhos x cachorros v. 27) a estrangeira admite e acolhe a colocação daquele que ela denomina de “Senhor”, mas dá uma resposta, de fé, à altura do “pré-conceito” cultural de Jesus (v. 28).

Logo após esta perícopé, fechando o capítulo 7 de Marcos, Jesus realiza a cura de um surdo-gago (Mc 7,31-37). É necessário notar que esta cura também acontece fora da Galileia, o que leva a considerar que “para a comunidade cristã de Marcos o milagre do surdo-mudo é o cumprimento da promessa profética que se realizou primeiro no gesto de Jesus e agora plenamente na comunidade dos convertidos pagãos que escutam a palavra do evangelho e professam a sua fé”³. Com isto o texto marcano 7,24-30 encontra-se no local ideal para indicar que o exercício interno da misericórdia deve levar a abrir-se ao diferente, reconhecendo a gratuidade do dom de Deus que alcança a todas e a todos.

2. Algumas consequências hermenêuticas e teológicas do diálogo em Mc 7,24-30

Após olhar o contexto da escritura de Mc 7,24-30 são apresentados, a seguir, dois ensinamentos latentes de Jesus – “a acolhida” e a “universalidade da mensagem” de libertação – como característica do Reino. Jesus aqui é portador de um ensinamento prático que gera vida, vida da qual todas e todos podem usufruir.

A experiência do encontro da siro-fenícia com Jesus aponta para caminhos de reflexão que alcançam realidades de difícil abordagem devido a problemas referentes a questões muitas vezes tidas como periféricas no mundo contemporâneo. Porém, desafios semelhantes ao relatado em Mc 7,24-30 são mais comuns do que se possa parecer e muitas vezes são fontes de conflitos no interior das pequenas e grandes comunidades.

O andarilho Jesus aponta para a plenitude da obra redentora do Pai que alcança a todas e a todos dos mais diversos espaços geográficos e existenciais, a fim de trazê-los para o novo que aparece numa práxis libertadora. Em seu escrito Marcos deixa claro que, partindo de um ambiente familiar como o da Galileia, Jesus avança num único percurso para Jerusalém, antes passando por regiões circunvizinhas e deixa, por isso, transparecer que o que favorece a elaboração da trama da narração evangélica é muito mais do que um puro interesse histórico, é um interesse teológico.

3. FABRIS; BARBAGLIO. Op. cit., p. 501.

Ao sair da Galileia, Jesus faz o caminho em direção ao encontro com o diferente, também chamado à unidade do Reino. De um modo particular em Mc 7,24-30 o diferente a ser acolhido é o estrangeiro, e este aparece sob duas formas: a cultural e a religiosa. Esta imagem de Jesus como o homem da acolhida, segundo Libânio, “funda-se na própria opção que Deus fez pelo pobre, representado pela clássica trilogia do Antigo Testamento: a viúva, o órfão e o estrangeiro”⁴. Neste sentido cabem aqui as palavras do próprio Iahweh:

Não afligirás o estrangeiro nem o oprimido, pois vós mesmos fostes estrangeiros no país do Egito. Não afligireis nenhuma viúva ou órfão. Se o afligires e ele gritar a mim, escutarei o seu grito; minha ira se acenderá e vos farei perecer pela espada: vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos órfãos (Ex 22,20-23)⁵.

Ou seja, a experiência que brota do acolhimento transparece a adesão ao projeto do Reino que tem lugar para todos e para o qual todos são convidados. A abertura para o acolhimento é distintivo daqueles que, fazendo o encontro com Deus, sendo recebidos por Ele, assumem a prática do amor como norma de vida. A escuta atenta das palavras de Deus deve conduzir a pessoa de fé à libertação do demônio da indiferença e exclusão, assumindo uma prática conforme a própria ação divina no mundo.

Se por um lado claramente se percebe o interesse teológico da comunidade marcana em apresentar à universalidade da mensagem de Jesus, por outro o texto apresenta o reflexo de uma cultura cheia de “pré-conceitos”, onde muitas vezes o diferente é marginalizado (Mc 7,27).

A maneira como o nazareno trata a mulher estrangeira reflete o modo de ser não dele, somente, mas de um povo, ou, mais especificamente, da comunidade cristã primitiva. Aqui, no dado cultural e religioso destacado nas palavras de Jesus, transparecem a letra morta da Lei, que apresenta mais tradições humanas que mandamentos, e a vontade divina como nos aponta a primeira parte do capítulo 7 do Evangelho segundo Marcos (7,1-23). Como Schillebeeckx escreve,

A presença de Jesus junto às pessoas, ajudando-as com seus atos de poder, oferecendo ou aceitando convites para refeições, convivendo não apenas com seus seguidores, mas com a massa do povo, especialmente com os excluídos, com os publicanos e pecadores, é claramente um convite para entrar, pela fé, na comunhão com Deus. A convivência de Jesus de Nazaré com todo o mundo é uma oferta da salvação que vem de Deus; é a consequência da sua pregação sobre a vinda do Reino de Deus⁶.

4. LIBÂNIO, J.B. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 84.

5. BÍBLIA, Português. Nova edição, revista e ampliada. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Paulus, 2011.

6. SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. Col. Teologia Sistemática. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008, p. 173.

A ênfase de destaque do texto não recai sobre o exorcismo realizado por Jesus a distância, mas muito mais indica a realidade do diálogo com o diferente realizado em sua passagem por Tiro. O trecho de Mc 7,24-30 apresenta a ética da inclusão e do diálogo, que são realidades características do Reino vivenciado e anunciado por Jesus.

A comunidade aqui é convidada a sair de si, do poder negativo do fechamento e egoísmo a fim de abrir-se ao diferente, ao desconhecido abraçado por Jesus e sua práxis libertadora. Assim como Jesus, os seus seguidores, a comunidade marcana, deve antes de tudo, confrontar-se com os limites que uma cultura marcada pela separação e estratificação presentes nas diversas formas de relacionamentos humanos impõe a fim de, humildemente, reconhecer que no outro o Reino atinge seu objetivo, ser tudo em todos.

3. Implicações pastorais a partir de Mc 7,24-30

Neste momento é importante destacar duas características indispensáveis para a pastoral. Primeiramente, aquele que faz de suas ações uma espécie de normativa da práxis de seus seguidores, Jesus, coloca-se, Ele mesmo, no lugar do estrangeiro, faz-se dependente daqueles que são dependentes. Depois, a mensagem da qual Jesus é portador tem na pastoral seu ambiente adequado para ser vivenciada. Portanto, deve existir a consciência do potencial universalista da qual ela é portadora, assim como a clareza de que seus destinatários não se reduzem a estereótipos criados pelos anunciadores, mas são eles, todos os homens e mulheres de todos os tempos e lugares.

Jesus pode ser visto como o personagem mais dependente da narração, embora o texto não o demonstre. É estrangeiro, em terra estrangeira, escondido numa casa, e carrega sobre si o preconceito de uma comunidade.

Esta realidade apresentada pelo evangelho não pode ser desprezada. Para tanto, cabe uma breve consideração a respeito desta situação. Como vai afirmar McKenzie: “em todas as sociedades, até na moderna civilização, o estrangeiro, se não um inimigo por definição, como é chamado nas primitivas sociedades, é, todavia, estranho e de certo modo objeto de suspeita”⁷. Sendo assim, a fragilidade do encontro entre Jesus e a siro-fenícia se acentua. Ambos são estrangeiros e, de alguma forma, dependentes um do outro. Não é apenas ela que necessita de algo. Jesus é sacudido pela resposta da mulher (v. 28). Ou seja, existe aqui a igualdade na dependência, assim como uma dupla “libertação”.

O problema que se insere aqui é por demais preocupante porque, além do texto trazer claramente uma mútua dependência das personagens, aquilo que

7. MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 311.

comumente se diz dele e a partir dele é tendenciosamente marginalizante e de difícil aceitação. Deixa-se de perceber que a siro-fenícia força o rompimento de uma cultura de preconceitos e que ela tem um papel indispensável na narrativa. Ela é representante de injustiçadas e injustiçados que, pacientemente, mas sem deixar de levantar a voz, persistem e não desistem. Insistir na desigualdade existente entre as personagens somente acentua uma leitura que fragiliza um texto rico de interpretações que favoreçam uma cultura da inclusão e da acolhida para privilegiar uma aproximação que veja apenas e tão somente um prodígio de Jesus como sendo Ele o único elemento ativo da narrativa.

Este cenário de mútua dependência é constante em todas as formas de relacionamento humano. Isto é normal, e até natural. O problema está quando práticas preconceituosas são legitimadas não por minorias que cultivam um modo de ser apenas internamente num grupo bem reduzido, mas por uma cultura dominante que tende a perseguir e extinguir tudo aquilo que se apresente contrário à ordem posta. A cultura como arma de legitimação de formas de ser elaboradas, no mais das vezes, no círculo de interesses mesquinhos. Infelizmente está presentemente sujeita a modelos de dependência que partem não de uma natural dependência, onde se tem como princípio que ninguém se basta a si mesmo e de que o homem é um ser em construção, mas de carências que são tornadas naturais quando, na verdade, são frutos de uma construção social.

A relação a partir do encontro com o diferente muitas vezes vem carregada de mútuas reservas que mais atrapalham do que ajudam na preservação das diferenças. O não confrontar-se com aquilo que está para além do mundo, do espaço cultural, faz com que os indivíduos sintam-se cada vez mais senhores de si e portadores da maior verdade que deve ser levada a todo custo a todos. Isto, nas mútuas redes de relações, é um risco na medida em que legitima um modelo que está para além de cada indivíduo em si mesmo. Ser feito, ou moldado nele, não significa que tal modelo deva ser parâmetro de enquadramento, de julgamento e condenação para quaisquer outros que não o tomem para si.

Com isto não se pretende afirmar que no âmbito social não devam existir parâmetros estabelecidos a fim de garantir a suposta paz entre os indivíduos. Porém, na medida em que tais construções tolhem a liberdade essencial do indivíduo, não possibilitando o fazer-se pessoa por meio da legitimação daquilo que lhe causa bem, claro que dentro do princípio da não maleficência, estas regras estabelecidas dentro das mais variadas culturas devem ser revistas, reelaboradas e superadas.

Assim, pode-se afirmar, a pessoa é que deve ser o critério legitimador e mantenedor das estruturas de relação numa cultura e entre as culturas. Notadamente pode existir aqui uma má compreensão se pensarmos que as situações nas quais as pessoas se encontram é que darão o tom do julgamento das práticas. Porém a leitura é diversa.

As situações mudam constantemente e casos novos são identificados nos diversos grupos, sejam eles grandes ou minoritários. Caso um modelo seja estabelecido e não questionado, reelaborado e adaptado, pode estar fadado a ser veículo de desgaste das malhas das relações entre os indivíduos em curto ou longo prazo, pois a realidade na qual surgiu, a situação na qual foi sendo gestado e os indivíduos envolvidos aí foram reflexo de um contexto muito determinado, complexo e não pleno. É justamente aqui que se insere a importância do olhar para o “indivíduo”, não para o modelo cultural estabelecido a fim de encontrar nele um critério último de julgamento.

A pessoa que em si é portadora de dignidade colhe de sua liberdade a potência máxima para legitimar-se no mundo construindo seus espaços de convivência, muito embora em ambiente já lapidado. Ao pautar a construção de uma ética do indivíduo e não de situações, aqueles mesmos que sofrem a afetação de um modelo cultural são promotores de relações humanas saudáveis.

4. A pastoral como espaço para o diálogo

A perícopes de Mc 7,24-30 pode ser apresentada como normativa para a práxis pastoral num contexto de pluralidade cultural e religiosa. O anúncio do Reino, que caminha junto com a promoção da dignidade das pessoas, não deve encontrar nos limites geográfico e religioso empecilhos para a vivência plena da cultura da acolhida.

É certo que a prática de Jesus é repleta de sinais do Reino de Deus que se tornou próximo, graças à fidelidade à sua missão. Em Mc 7,24-30 a atividade do nazareno reveste-se de certa singularidade, pois a destinação do anúncio extrapola os limites daquele espaço geográfico, religioso e cultural supostamente condicionante da mensagem. Certamente a atitude de Jesus torna-se normativa e lança luz no contexto plural da sociedade pós-moderna que tem como um distintivo a pluralidade cultural. Aqui os espaços para o anúncio devem ser criados a partir da cultura do diálogo. Como afirma Paulo Sues:

No mundo atual, marcado por contatos interculturais, oferecidos pelos meios de comunicação e impostos por migrações, interdependências econômicas, financeiras e rápidas transformações globais, o diálogo entre culturas é uma exigência da convivência de diferentes projetos de vida, codificados nas respectivas lógicas culturais. É uma exigência da convivência de diferentes projetos de vida, codificados nas respectivas lógicas culturais. Mas o diálogo é também uma necessidade no interior de cada cultura, onde emergem conflitos entre tradição e inovação. O diálogo entre as culturas e nas culturas faz parte da responsabilidade de cada grupo social que zela pela paz⁸.

8. SUESS, P. *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 176.

Desta forma, no trecho do evangelho onde Jesus entra num território para além da Galileia, tem-se o motivo dominante da narração. “É a explicação prática do princípio de liberdade, que Marcos já lembrou (7,15), em relação aos tabus e divisões traçadas em nome do puro e do impuro”⁹. Aqui, o pré-conceito do mensageiro cede o espaço para a acolhida de um novo horizonte também capaz de acolher a mensagem de vida e suas consequências, e, ainda mais, faz com que esta mesma mensagem e prática de Jesus ganhem novo eco dentro da comunidade marcana, mostrando assim que “o conhecimento integral da lógica e prática cultural do outro permite compreender e discutir opções e alternativas”¹⁰.

A fragilidade da mensagem depositada nas mãos limitadas e condicionadas do anunciador encontra em Jesus alguém ousado que lança as palavras além do espaço conveniente e supostamente potente em acolher tal realidade. Tal afirmação pode-se verificar no encontro com a siro-fenícia, como afirma Gerd Theissen e Annette Merz:

A relação entre judeus e gentios nunca foi livre de tensões. As duas histórias de um encontro de Jesus com gentios, com a mulher siro-fenícia [...] e com o centurião de Cafarnaum, revelam tensões entre judeus e gentios. Trata-se em ambos os casos de curas a distância; em ambos os casos uma diferença deve ser sempre superada¹¹.

Aqui, a centralidade da necessidade do anúncio do Reino do amor torna-se mais importante do que o seguimento cego de leis e prescrições religiosas muitas vezes encarnadas na cultura de um povo. A promoção do “outro” torna-se objetivo a ser alcançado para que se cumpra fielmente a vontade de Deus, para que todos tenham a vida e a tenham em abundância (Jo 10,10). Ou seja, a norma de orientação da conduta cristã repousa no amor vivido de modo muito direto nas mais variadas esferas da sociedade, onde o encontro com o diferente pode ocasionar um possível estranhamento.

Não é a raça, a cultura ou o espaço geográfico que devem determinar quem merece viver com mais dignidade ou não. “Se o coração é o espaço decisivo do autêntico relacionamento com Deus, também uma mulher pagã, considerada impura pela mentalidade judaica, pode participar nas primícias da salvação”¹². Como afirma Suess:

A construção do diálogo inter e intracultural é uma tarefa permanente. Essa tarefa pode ter duas finalidades: compreensão e/ou respeito. Compreensão

9. FABRIS; BARBAGLIO. Op. cit., p. 499.

10. SUESS. Op. cit., p. 177.

11. THEISSEN, G; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. Tradução de Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 191.

12. FABRIS; BARBAGLIO. Op. cit., p. 499.

e respeito entre as culturas não são atitudes inatas às pessoas humanas. São adquiridas no decorrer de um processo educativo, que pretende transformar o olhar ingenuamente etnocêntrico num olhar crítico e autocrítico¹³.

A palavra da vida deve ecoar de tal forma em seus promotores que, assim como o fez Jesus, estes se tornem sensíveis aos sinais de morte que de alguma forma abraçam a todos, mas de um modo muito particular aqueles que são marginalizados. Ao olhar a perícopes em estudo é possível constatar como Fabris que:

Aquela mulher não é mais só uma mãe pagã que procura arrancar um milagre ao taumaturgo judeu que saiu dos confins, mas é a representante da comunidade dos pagãos vindos à fé. Por isto, a resposta última de Jesus é o dom da salvação, a cura da filha, como primícia da salvação por meio da fé: Por esta tua palavra, vai... (7,29)¹⁴.

Assim, a dignidade da pessoa, encoberta pela prática religiosa geradora de morte e de uma cultura da marginalização do diferente que serve ao reino do mal, é resgatada pelo simples gesto da aproximação do Senhor que, apesar de seu pré-conceito (cf. Mc 7,24-30) supera primeiro a si mesmo indo além do comumente aceito, do legalmente justo e correto. O movimento interno de Jesus deve ser o da comunidade que adere à sua mensagem. Não dá para aderir à lei do amor e permanecer ligado a práticas caducas de segregação e banalização da alteridade. Em Jesus e sua práxis libertária o outro passa da margem para o centro de interesse da Boa-nova da vida.

Conclusão

A fragilização das relações devido à falta de diálogo com o diferente muitas vezes é fomentador de uma cultura da marginalização do outro. Em Jesus, no encontro com a siro-fenícia, aquele que fora colocado à margem pela cultura do silêncio e indiferença agora assume a destinação privilegiada, mas não exclusiva, da mensagem do Reino da vida que transparece na práxis libertária.

Ao analisar a perícopes de Mc 7,24-30 o que salta aos olhos é a leitura que a comunidade marcana faz de seus próprios desafios frente ao crescente número daqueles que, antes sendo de outra cultura, ouviram e viram o anúncio de uma nova sociedade e agora se tornaram irmãos. Marcos percebe a necessidade de continuar o diálogo da vida protagonizado por Jesus e inspira a comunidade primitiva a sair de si ao encontro do diferente, do rosto do outro.

O texto, lido no contexto cultural da Pós-modernidade, lança luzes sobre o desafio cada vez mais crescente do enfrentamento das culturas que, devido

13. SUESS. Op. cit., p. 180.

14. FABRIS; BARBAGLIO. Op. cit., p. 499.

a diversos fatores como os meios de comunicação, não são mais propriedade e distintivo exclusivo de um determinado grupo. Não é difícil ver o choque de culturas, fenômeno que ultimamente vem crescendo devido às imigrações em massa dos países em guerra. Este novo quadro político, econômico, social, cultural e religioso cobra soluções conciliadoras que respeitem e promovam a dignidade, principalmente, daqueles que deixam a pátria, o lar, trabalho e família em busca de dias melhores.

Obviamente, sem pretensão de resolver todos os problemas, a pastoral deve estar atenta ao contexto desenhado pelo inacabado processo de globalização, que exige respostas práticas para problemas que atentam à dignidade das filhas e filhos de Deus. Sem dispensar os discursos que falam à alma, antes é necessário que estes sejam acompanhados de uma prática testemunhal de uma fé que é vivida com consequências.

O estudo desta perícopa favorece a percepção da necessidade de abertura e diálogo com o diferente tão necessário numa cultura plural como a do mundo pós-moderno. Jesus dá a dica fundamental para que as barreiras das diferenças, criadas pelo reino das trevas, sejam superadas: é necessário, antes de tudo, superar a si mesmo, superar os pré-conceitos e fomentar uma cultura da acolhida.

José Cleiton Barbosa
Avenida São Sebastião s/n,
Bairro São Sebastião
Limoeiro, PE.
E-mail: sem.cleiton@yahoo.com

Bibliografia

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Paulus, 2011.
- FABRIS, R.; BARBAGLIO, G. *Os Evangelhos*, I. Tradução de Jaldemir Vitorio, Giovanni di Biasio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Martin Dreher e Ilson Kayser. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2003.
- LIBÂNIO, J.B. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014.
- McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- SCHILLEBEECKX, E. *Jesus, a história de um vivente*. Col. Teologia Sistemática. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.
- SUESS, P. *Introdução à teologia da missão: convocar e enviar servos e testemunhas do Reino*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- THEISSEN, G; MERZ, A. *O Jesus histórico: um manual*. Tradução de Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.